

---

# RESENHAS

---

BLOOM, Harold. *Jesus e Javé: os nomes divinos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 274 p.

Por Clademilson Fernandes Paulino da Silva\*

“Javé não leu Platão”<sup>1</sup>

Antes da incursão – de resumo e crítica – pelo livro de Harold Bloom,<sup>2</sup> acredito que se faz necessário o apontamento de algumas questões que julgo serem importantes para o início da resenha. Primeiro, o estilo do autor, que é claro e objetivo, de leitura agradável, apesar de, em alguns momentos, ser repetitivo (por vezes ele volta à questões já tratadas); possui, de forma geral, um tom irônico, o que, em pequenas passagens se tornar mais exasperado, sem contudo tornar-se desrespeitoso com aquilo com o que se está sendo

---

\* Doutorando em Ciências da Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>1</sup> BLOOM, Harold. *Jesus e Javé: os nomes divinos*. (tradução: José Roberto O’Shea). Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. p. 245. (Todas as outras citações referentes ao livro serão colocadas logo após o texto, sem a utilização de notas de rodapé).

<sup>2</sup> Nascido em Nova York, em 11 de julho de 1930, Harold Bloom, de origem judaica e tendências religiosas e teológicas gnósticas, é hoje professor titular de Humanidades na Universidade de Yale, tendo, anteriormente, ocupado cátedra na Universidade de Harvard. Autor de 27 livros, é ganhador de vários prêmios: o McArthur, da Academia Norte-Americana de Letras e Artes a Medalha de Ouro de Crítica e *Belles Lettres*, da mesma academia o Prêmio Internacional da Catalunha e o Prêmio Alfonso Reyes, do México. Suas obras mais importantes são: *Shakespeare: a Invenção do Humano*; *O Cânone Ocidental: os Livros e a Escola do Tempo*, considerado sua obra prima; *O livro de J*; e *Gênio*. (As informações biográficas e bibliográficas do autor foram obtidas no site [www.objetiva.com.br](http://www.objetiva.com.br), acessado no dia 3 de novembro de 2006. Foram também consideradas informações contidas no próprio livro, fonte da resenha, e no livro *O Cânone Ocidental*).

irônico: as personagens divinas, as religiões e seus adeptos. Segundo, a clara preocupação judaica<sup>3</sup> do autor, o que não poderia deixar de ser, já que ele se declara judeu e gnóstico dentro daquilo que ele chama de *espiritualidade religiosa*, fato que pode ser observado nas constantes tentativas do autor de separar e distanciar judaísmo de cristianismo,<sup>4</sup> e da, também constante, preocupação de fazer Javé se sobressair diante do Deus Pai e de Jesus Cristo,<sup>5</sup> preocupação que me pareceu não ser apenas de cunho literário, como quis apontar o autor,<sup>6</sup> mas também – e digo isso apenas a partir de um talvez – de cunhos cultural, político, ideológico ou mesmo religioso pertencente ao autor.<sup>7</sup> Em terceiro e em último lugar, aponto o caminho que Harold Bloom se utilizou para se aproximar da pesquisa religiosa e teológica. Para ele, “Jesus Cristo”, “Yeshuá de Nazaré” e “Javé” são apenas personagens da mais alta literatura que a humanidade produziu, e é, dessa forma, como personagens literárias, que devem ser observados, tanto em seu livro (livros) de origem – a Bíblia – quanto no desenvolvimento que tiveram, enquanto personagens divinas nas culturas religiosas diretamente ligadas a elas, que pode ser observado tanto nos espaços do imaginário popular, dos fiéis, quanto nas

<sup>3</sup> “Neste livro, o intérprete é um judeu cuja espiritualidade reage com grande fervor à antiga inclinação por nós denominada gnosticismo, e que talvez não seja uma religião, no sentido em que o judaísmo, o cristianismo e o islamismo constituem as principais tradições religiosas ocidentais” (p. 272).

<sup>4</sup> “[A] lacuna entre Javé e o Deus Pai da Trindade é mais uma demonstração de que o judaísmo não é progenitor do cristianismo. Antes disso, judaísmo e cristianismo são irmãos inimigos [...]” (pp.194-195). Cf. também o capítulo 19 - p. 267-270. “[...] gente diferente, falando de questões diferentes, dirigindo-se a gente diferente”(p. 267). *Apud.* Jacob Neusner. *Jews and Christians: the myth of a common tradition.* 1991. p. 1-15).

<sup>5</sup> “O presente livro, por conseguinte, não expressa um favorecimento polêmico de Javé em relação ao usurpador. Talvez seja, em certa medida, uma elegia a Javé. Se é que tenha desaparecido, Javé deve ser distinguido, claramente, de Jesus o Cristo e até mesmo de Alá, que, em determinados aspectos, está mais perto do Deus de Abraão e Issac, Jacó e Ismael e Jesus de Nazaré do que as divindades cristãs” (p. 137).

<sup>6</sup> “Javé continua sendo o maior personagem literário, espiritual e ideológico do Ocidente, seja ele conhecido por nomes tão diversos como Ein-Sof (“sem fim”, na Cabala) ou Alá (no Alcorão)” (p. 21). Esse é apenas um entre muitos exemplos de sobrepujar Javé sobre os outros personagens. “O Jesus de Marcos, Hamlet e Dom Quixote são os principais concorrentes de Javé, [...]” (p. 19).

<sup>7</sup> “É evidente que tal cautela também se aplica a mim, um crítico literário dividido entre o legado judaico e um desconforto gnóstico” (p. 201).

produções literárias posteriores (formadas e formadoras de cultura), o que, para o autor, deu-se de forma significativa em Shakespeare, literato com quem ele trabalha.

O livro é aberto com uma frase – em certa medida polêmica, como aponta o autor –, que resume aquilo que disse já no parágrafo anterior, apontando os objetos de pesquisa do autor e a via de aproximação que ele adotará em relação às personagens divinas, como também um resumo do que cada uma dessas personagens representará a obra: “Este livro é centrado em três figuras: uma personalidade mais ou menos histórica, Yeshuá de Nazaré; um Deus teológico, Jesus Cristo; e um Deus humano, bastante humano, Javé” (p. 13).

A personagem literária “mais ou menos histórica”, Yeshuá de Nazaré, é o “enigma dos enigmas” (p. 13), é personalidade perdida dentro da história teológica de Jesus Cristo, que, quando sofre uma tentativa de resgate histórico a busca pelo Jesus histórico, sucumbe em uma historicidade não muito confiável, já que, segundo o autor, quem pesquisa o Jesus histórico só consegue encontrar uma pálida imagem, distorcida, de si mesmo (p. 21, 37, 137), “reflexão da própria fé ou do próprio ceticismo” (p. 25). Já Jesus Cristo, filho do Deus Pai (personagem menor), é apenas Deus teológico, fruto dos escritos de Paulo e de João (p. 18).<sup>8</sup> De Yeshuá de Nazaré, dentro desse contexto, pouco ou nada se pode falar. De Jesus e Javé, por outro lado, muito se pode falar, principalmente que ambos não são de uma mesma essência (ou substância) (p. 14) e nem que são pai e filho, ou, no máximo, que o filho tornou-se muito diferente do pai “pais e filhos podem às vezes ter confrontos inflamados, na literatura e na vida” (p. 203, 199-207).

Indubitavelmente, o Jesus *histórico* existiu, mas jamais será encontrado, nem precisa sê-lo. *Jesus e Javé: os Nomes Divinos* não visa à busca. Meu único objetivo é sugerir que Jesus, Jesus Cristo e Javé são três personagens totalmente incompatíveis, e explicar como e por que isso se dá (p. 21).

Essas incompatibilidades entre as personagens apontadas pelo autor estão, em primeiro lugar, em suas próprias origens – nos textos (ou texto) e nas leituras e desleituras, e, em segundo lugar, em seu desenvolvimento nos espaços de fé e no desenvolvimento cultural<sup>9</sup> civilizador (ou não) ocorrido na aproximação-diálogo com elas. O autor aponta – como primeira desleitura – que,

<sup>8</sup> “Javé e Jesus aparecem, em João, vinculados, mas não plenamente fundidos. [...] Desde o início, Jesus Cristo não era Yeshuá, mas um Deus teológico, e não humano” (p. 17).

<sup>9</sup> “Toda a ironia ocidental é uma repetição dos enigmas/charadas de Jesus, uma amálgama das ironias de Sócrates” (p. 23).

apesar da fidelidade de Yeshuá de Nazaré à Antiga Aliança, não houve, dentro da teologia cristã, como preservar o Yeshuá e a Antiga Aliança. Ambos, na igreja primitiva, foram substituídos por Jesus Cristo, um Deus teológico, e pela Nova Aliança, o Novo Testamento.<sup>10</sup> A Tanak tornou-se, então, a partir dessa desleitura, o Antigo Testamento, e Javé, protagonista, tornou-se Deus Pai, coadjuvante; desleitura que se baseou, “forçosamente, em uma leitura errônea da Bíblia Hebraica” (p. 27).

Como uma das personagens é perdida – Yeshuá de Nazaré, impossível de ser resgatado por ser invenção do Novo Testamento (p. 36) –, o autor dedica as duas grandes partes do livro para as outras duas personagens – Jesus e Javé –, compondo, dessa forma, o livro em duas grandes partes e em exagerados 20 capítulos. Jesus Cristo, o Deus teológico, assunto de dez capítulos, é o tema da primeira parte.

O primeiro apontamento feito pelo autor, nessa primeira parte, é sobre a origem de Jesus. Segundo Bloom, o Novo Testamento – chamado por ele de Testamento Tardio (p. 33) – é a primeira fonte; Josefo seria uma outra fonte, pouco confiável por sinal, já que ele era um historiador “mentiroso inveterado”;<sup>11</sup> e, a terceira e última fonte, seria a tradição gnóstica<sup>12</sup> – o Evangelho de Tomé –, com o qual o autor, por motivos literários e espirituais (p. 37), diz preferir ficar.<sup>13</sup>

Jesus, em princípio, é uma figura mais judaica, veio dos judeus para os judeus, assim como seu mentor, João Batista, figura, em um primeiro momento, mais significativa que o próprio Jesus. Contudo, os evangelhos (principalmente João) e Paulo transformaram Jesus em uma figura mais universal. Das sete versões sobre Jesus apresentadas pelo autor em ordem cronológica. “Paulo, Marcos, Mateus, Lucas, Atos, Tiago, João e o Apocalipse” (p. 55), Marcos parece ser a versão que mais aproxima Jesus de Javé e, consequen-

<sup>10</sup> “Os evangelhos não se propunham a ser o que chamamos de biografia, mas a servir de fonte de inspiração para a conversão” (p. 25).

<sup>11</sup> “Depois que um indivíduo proclama Vespasiano como o Messias, ninguém deve mais acreditar no que tal pessoa escreve a respeito da sua própria gente. Josefo, mentiroso inveterado, assistiu, tranqüilamente, à captura de Jerusalém, à destruição do Templo e à matança dos habitantes” (p. 31).

<sup>12</sup> De um Jesus que foge da cruz e refugia-se numa parte helenizada da Índia.

<sup>13</sup> “[...] sigo a tradição gnóstica, simplesmente porque os ditos gnósticos de Jesus, no evangelho de Tomé, parecem-me mais autênticos do que toda a gama de pronunciamentos atribuídos ao rabino de Nazaré nos Evangelhos Sinóticos e no mais-que-tardio Evangelho de João” (p. 32-33).

temente, do povo judeu e do judaísmo (p. 48).<sup>14</sup> As outras versões fazem uma desleitura da Tanak:

A primeira observação que me cumpre fazer é que, em sua totalidade, o Novo Testamento é obcecado por uma relação angustiada com a Lei e os Profetas, e procura resolver a complexa ansiedade resultante dessa influência devastadora por meio da desleitura mais forte e criativa constatada em toda a história literária e textual (p. 54).

“A partir de São Paulo [e de João, principalmente], fiéis [começaram] a ver Jesus como o inventor de uma Nova Aliança [helenizada?], mas talvez tenham confundido o mensageiro [profeta de Javé] com a mensagem” (p. 44), divinizando-o. Mas, mesmo tendo sido helenizado, Jesus, para os evangelhos e para Paulo, precisava ser relido a partir da Tanak, mas relido (ou deslido) de uma forma a superá-la, superar a Torá, e, desse modo, superar o próprio Javé.<sup>15</sup> O Jesus de Marcos (principalmente), Mateus, Lucas e Tiago tem seu discurso – enigmático como o de Javé – fundamentado na tradição profética da Tanak, o reino é prometido aos pobres, que são entendidos e chamados de herdeiros de Deus (p. 54-58). Mesmo assim, gradativamente, a relação do cristianismo e de seus textos com o judaísmo e seus textos foi se caracterizando por uma ambivalência; para Paulo, por exemplo, a morte e ressurreição de Jesus “proclamaram a morte da Torá” (p. 59-60), conseqüentemente, a morte também de Javé.

Segundo Harold Bloom, a desleitura inicia-se na compreensão de que a Tanak deve ser relida a partir do Novo Testamento, máxima hermenêutica que se aprende em qualquer seminário ou faculdade de teologia cristã: “o Novo Testamento destina-se a operar como um prisma através do qual o texto precursor deve ser lido, revisto e interpretado” (p. 63).

Se o Novo Testamento, no tempo de Constantino, experimentou um triunfo romano, então, a escrava exibida na marcha triunfal foi a Tanak, reduzida à servidão como Antigo Testamento. Toda a história judaica subsequente, até a fundação, há mais de meio século, do Estado de Israel, atesta as conseqüências humanas dessa servidão textual (p. 69).

Dessa forma, pode-se dizer que a transformação que o Novo Testamento

---

<sup>14</sup> “O Jesus de Marcos não se interessa pelos gentios, e nem mesmo entre os judeus ele procura salvar apenas um pequeno grupo” (p. 51).

<sup>15</sup> Cf. p.38. *Apud*. ALLEN, Charlotte. *The Human Christ*. Para Bloom “parece um absurdo que Jesus, fiel apenas a Javé, assim como o foram Hillel e Akiba, tenha usurpado Deus”.

mento fez da Tanak, transformando-a em Velho Testamento,<sup>16</sup> foi a desleitura mais significativa da história literária do ocidente (p. 63-69). Assim, Bloom aponta os três grandes textos que fazem essa desleitura: Paulo (no capítulo 5), Marcos (no capítulo 6) e João (no capítulo 7). Para o autor, Paulo é o grande fundador da religião cristã (p. 71ss), é o sistematizador (não teológico)<sup>17</sup> de uma nova religião e de uma nova compreensão do Cristo judeu: “[...] o Cristo de Paulo, em relação ao Jesus histórico, permanece tão isolado quanto o Deus Pai se isola de Javé [...]” (p. 73). Marcos, assim como o gnóstico evangelho de Tomé (p. 90), como anteriormente dito, é aquele que mais aproxima Jesus de Javé (seu suposto pai). Para o autor, o estilo literário grotesco do primeiro evangelho sugere a existência de um filho de Javé (p. 91), que se aproxima do pai no elemento enigmático (Jesus e Javé são enigmáticos),<sup>18</sup> na constante presença e ausência (“o Jesus de Marcos se faz ausente e presente onde e quando quer”, assim como o Javé da autora “J”) e nos elementos inesperados: “Se há alguma semelhança real entre o Javé de “J” e o Jesus de Marcos, deve ser o fato de ambos insistirem em confundir nossas expectativas” (p. 206).

O último *desescritor* é João. É o autor que nega Javé, nega Tanak e transforma Jesus em adversário dos judeus.<sup>19</sup> O primeiro elemento dessa desleitura está na expressão “eu sou” de João 08: 58 (Êx 3),<sup>20</sup> que, para o judeu, pouco significado ‘teológico’ tinha, mas que, para a teologia cristã, passou a ter indispensável importância (p. 93ss). Segundo o autor, para além da compreensão de continuidade (releitura) do AT no NT – que essa expressão possui –, o texto, ligado mais aos elementos ontológicos de Filo e

<sup>16</sup> Cf. também Jack Miles, nos livros *God: a biography* e *Christ: a crisis in the life of God*.

<sup>17</sup> “Parece-me um equívoco falar de teologia paulina, porque o fim que se aproxima rapidamente torna a teologia desnecessária” (p. 75).

<sup>18</sup> “Suas parábolas seguem e aperfeiçoam a tradição hebraica: o próprio Javé, ao longo do texto da autora J, contenta-se com trocadilhos enigmáticos, perguntas retóricas irrespondíveis e rompantes jocosos que beiram uma fúria assustadora. Tal pai, tal filho, responderia, com razão, o fiel” (p. 48).

<sup>19</sup> “Nenhum texto complementa outro, mas há revisão e revisões. O Talmude prefigura, o que vem a ser um tipo de revisão; por outro lado, São João inflige à Torá um *sparagmos* (ou dilaceramento) órfico, espalhando os membros do corpo de Javé como se o Mestre da Presença fosse outro Osíris, ou um israelita dos dias de hoje, explodido em um ônibus por um suicida/homicida palestino. Para Javé, São João é pura encrenca” (p. 176).

<sup>20</sup> “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou.”

da Septuaginta, que nada ou pouco tem de judeu, carrega a idéia de superioridade de Jesus em relação a Abraão e, conseqüentemente, a Moisés,<sup>21</sup> dando, desse modo, um *status* de maior importância a Jesus do que a qualquer outra figura ligada a Javé, ao javismo e ao judaísmo (p. 96-97, 104 e 107); bem como a primazia de João sobre a autora “J”, o que configuraria um verdadeiro embate literário (p. 98).

À medida que se desenvolve, a metáfora, em um contexto judaico, torna-se tão chocante que até mesmo os discípulos se assustam; a esse respeito, destaco um momento específico, que marca a crescente violência de João contra Moisés e todos os judeus: os pais de vocês comeram o maná no deserto e, no entanto, morreram. [...] Eu sou o pão vivo [...] (p. 104). [e/ou mais, a desconstrução da paternidade de Abraão]: o pai de vocês é o diabo (João 8:44 – p. 105-110).

É claro, teológica e literariamente falando, o como os evangelhos e os outros textos do Novo Testamento procuraram, gradativamente, tornar Jesus de Nazaré – bom servo de Javé – em Jesus Cristo, desleitura de Javé (encarnado). O Yeshuá de Nazaré morto, transformou-se no Jesus Cristo ressuscitado (p. 113), filho do Deus Pai e doador do Espírito Santo. Desse modo, a teologia cristã, a partir dos escritos cristãos (as versões de Jesus) – narrativas metafóricas –, acabou transformando o cristianismo em uma religião politeísta, na qual, no espaço da trindade, nem Yeshuá e nem Javé possuem lugar:

Jesus Cristo é metáfora extraordinariamente mesclada, enquanto Deus Pai e o Espírito Santo são analogias tênues (p. 27). [...] Tanto Yeshuá de Nazaré quanto Javé são irrelevantes para a trindade, pois não eram apenas metafóricos [eram também humanos], e tudo que é sobreposto à Trindade não passa de metáfora” (p. 134).

Jesus está distante de Yeshuá, assim como de Javé. Ele se sobrepõe ao Deus Pai, assim como hoje pode ser sobreposto pelo Espírito Santo dos pentecostais. Já o Deus humano Javé, inconciliável com Jesus Cristo, o Deus teológico, e com o Deus Pai, o amoroso Deus; ficou aprisionado no VT, relido pelo NT, e na Bíblia Hebraica: “Incapacitado de caminhar no Éden ou se regalar no Templo, Javé reside na Bíblia Hebraica. Ali se sente tão

<sup>21</sup> “A metáfora salta por cima de Abraão, pois diz também ‘antes que Moisés existisse, Eu sou’, e sugere, no extremo: “Eu sou aquele que sou” – porque sou um, com meu pai Javé” (p.107).



confortável que pode prescindir do Terceiro Templo, a menos que atualmente (conforme a mim parece, embora não aos que ainda crêem na Aliança) ele tenha se exilado até mesmo do deleite daquelas páginas” (p. 148).

Como visto, apesar de Yeshuá de Nazaré ter ansiado apenas por Javé (p. 155) – já entrando na segunda grande parte do livro (p. 155ss) –, Javé, na teologia cristã, ficou confinado à releitura do AT pelo NT e à figura inexpressiva do Deus Pai; mesmo assim, Javé continua sendo Javé: “O Javé descrito pela Autora “J” é figura íntima para nós, próxima, ao passo que o Deus Pai cristão isolou-se no céu. [...] Javé caminha lado a lado de homens e anjos, e com todos conversa [...] Javé é o mais pessoal dos deuses” (p. 164-165). Se não for presença, Javé não é Javé,<sup>22</sup> é um Deus transcendente como o Deus Pai de Jesus Cristo. Mas o isolamento de Javé, percebido principalmente no NT,<sup>23</sup> não é um isolamento de transcendência, de aumento de poder (Alá e Deus Pai), é um isolamento em si mesmo: “Se Javé ainda vive, talvez tenha se fechado em si mesmo” (p. 175).

Para Bloom, outro grande distanciamento entre Javé e Jesus é a idéia de morte sacrificial de Jesus Cristo (Javé encarnado) em favor da humanidade contaminada pelo pecado adâmico (pecado hereditário), teologicamente ligada mais ao Promoteu grego do que ao hebraísmo: “Posso entender um Javé oculto, deserto, em exílio voluntário, mas o suicídio de Javé é algo que está além do hebraísmo” (p. 19). O amor, resposta dada pelo cristianismo ao sacrifício de Deus (Jo 3:16), também não condiz com Javé; Javé não é amor,<sup>24</sup> não ama<sup>25</sup> e nem quer ser amado: “Não posso crer que um indivíduo que goze de saúde mental possa gostar de Javé” (p. 202).<sup>26</sup> O amor de Javé está relacionado ao cumprimento de sua aliança, “nem mais nem menos” (p.192). Javé, a partir do discurso de seus profetas, também já havia

<sup>22</sup> “Um Deus que se esconde é uma questão, mas um Javé que se reduz a um esplendor ocasional já não merece o nome de Javé, que afinal significa, basicamente, estar presente” (p. 170).

<sup>23</sup> “[...] o Novo Testamento jamais apresenta Jesus e Javé em confronto direto, nem mesmo na Transfiguração [...]” (p. 171). Ele só aparece no Batismo e na tranfiguração para legitimar a Jesus (o seu suposto filho): “A voz de Javé é ouvida nos Evangelhos Sinóticos, tanto no batismo quanto na transfiguração, a fim de afirmar que Jesus é seu filho amado, mas a audiência somos nós, leitores [...]” (p. 178).

<sup>24</sup> “Não faz muito sentido dizer que ‘Javé é amor’, ou que devemos amar Javé. Ele não é, nunca foi e jamais será amor” (p. 196).

<sup>25</sup> “Será Javé capaz de amar alguém? [...] Jesus [...] tem convicção de que seu *abba* o ama, até bradar, no fim: ‘Pai, por que me abandonaste?’” (p. 205).

<sup>26</sup> *Apud* Donald Akenson.

desestimulado o sacrifício; além de haver impedido um sacrifício no episódio da Aqedah (Abraão e Isaac), uma das bases cristãs da teologia expiatória do sacrifício de Jesus. Mas a grande ironia, é que Javé não salva seu próprio filho do sacrifício desnecessário (p. 189). Ou mais, outra grande ironia, é a de que quem passou a agonizar depois da ressurreição de Jesus foi o próprio Javé (p. 214).

A teologia cristã-grega é outro elemento de separação.<sup>27</sup> Paulo e João (o evangelho) abriram caminho para a teologia cristã despersonalizar tanto Jesus Cristo quanto o Deus Pai (também o Espírito Santo), que, como entidades divinas, tornaram-se distantes do humano – transcendentem em demasia –, “mas esse é o Deus platônico; não é Javé,<sup>28</sup> o ciumento (ou zeloso) Deus dos hebreus” (p. 216). A idéia de Jesus como perfeitamente homem é compatível com Javé, já que isso não implica teologia – e Javé não é dado à teologia –,<sup>29</sup> mas a idéia de Jesus perfeitamente Deus é incompatível com Javé, já que esse Deus está mais para o Deus de Platão que para o Deus de Moisés (p. 232), ligado mais ao dualismo que ao monismo javista. Ainda no espaço teológico, Javé se distancia de Jesus e do Deus Pai naquilo que diz respeito à criação. Deus Pai cria porque ama; Javé, contudo, cria, mas não por amor (p. 217). A criação de Javé é, segundo a cabala, uma criação acidental, é o *zimzum* de Javé: “A palavra zimzum<sup>30</sup> deriva de um verbo que

<sup>27</sup> “Estudiosos da religião adoram teologia, mas onde Javé decide se fazer presente não pode haver teologia, porque, conforme venho argumentando, Javé não é, absolutamente, um conceito. Javé pode conter, em si mesmo, um abismo assustador, mas existe um abismo quase tão profundo entre ‘um judeu sem grande importância’, conforme definição do padre Meier, e um ser teológico que é ao mesmo tempo ‘Deus verdadeiro’ e ‘Homem verdadeiro’, segundo os credos cristãos. Javé e Jesus Cristo são enigmas distintos, porém relacionados. Contudo, o que mais importa acerca do Deus da Tanak é que ele chama a si mesmo de Javé, pois ninguém mais poderá fazê-lo” (p. 212).

<sup>28</sup> “Javé é morte-nossa-morte e vida-nossa-vida, mas não sei quem foi ou é Jesus Nazareno. Não o considero antitético nem comparável a Javé: os dois se encontram em sistemas cósmicos distintos. Javé nada tem de grego: Homero, Platão, Aristóteles, estóicos e epicuristas são, para ele, estranhos” (p. 40).

<sup>29</sup> “Javé, sendo um Deus profundamente humano, não se presta bem à teologia, que é um modo de pensar grego e não hebreu. [...] A teologia não atribuiu personalidade a Deus Pai, a Jesus Cristo, ou ao Espírito Santo” (p. 225).

<sup>30</sup> Esse *zimzum* cabalístico é o elemento que pode exemplificar a forma com o contrair e descontrair (inspirar e aspirar), é também a forma com os deuses se contraem e cedem espaço às outras personagens divinas. Javé se contraiu em Elohim, depois em Deus Pai, que sacrificou seu filho, Jesus Cristo, que, por sua vez, está se contraíndo para dar lugar ao Espírito Santo (p. 265).

significa “inspirar profundamente”. Javé tinha problemas de respiração e, em consequência, de tais problemas, criou o nosso cosmo” (p. 234).<sup>31</sup>

Javé também se distancia de Jesus Cristo e do Deus Pai, porque os dois não são pessoa (personagem). Javé é pessoa, é personalidade, é personagem, que cria, cria-se e é criado; Javé é texto, é a Torá, livro que lhe constitui corpo (p. 253); Javé é literatura, é protagonista literário, é autor, é escritor “parece rolar das páginas de um livro talvez escrito por ele próprio” (p. 235): “É possível que ele tenha escrito antes de falar, e que tivesse de formar um público que o lesse e ouvisse. Se for esse o motivo escuso que o levou a arriscar a criação, Javé difere apenas em grau, não em espécie, de qualquer autor [personagem] que conheço” (p. 235-236).

Como as análises conclusivas sobre o autor e o livro ficaram na introdução da resenha, basta para agora, em seu fechamento, dizer, utilizando-me de outra citação do autor, que, para aqueles e aquelas que vêm pesquisando o campo da religião a partir da análise das narrativas sagradas e das narrativas literárias “seculares” – como objeto de observação da religião –, o livro é de indispensável leitura, já que “Javé [também Jesus? naquilo que se aproxima de Javé? Mil disfarces e facetas (p. 271)], embora evidente apenas como personagem literário, reduziu-nos à condição de personagens literários menores, elencos de coadjuvantes do protagonista dos protagonistas, em um universo mortífero” (p. 273), transformando, dessa forma, texto em vida e religião, e religião em texto e vida.

---

<sup>31</sup> “Kafka dizia que somos um pensamento de Deus, surgido em um momento de mau humor. Se prendermos a respiração até ficarmos tontos, constataremos que teremos grandes dificuldades de pensar” (p. 234).